NM notícias do município bairros

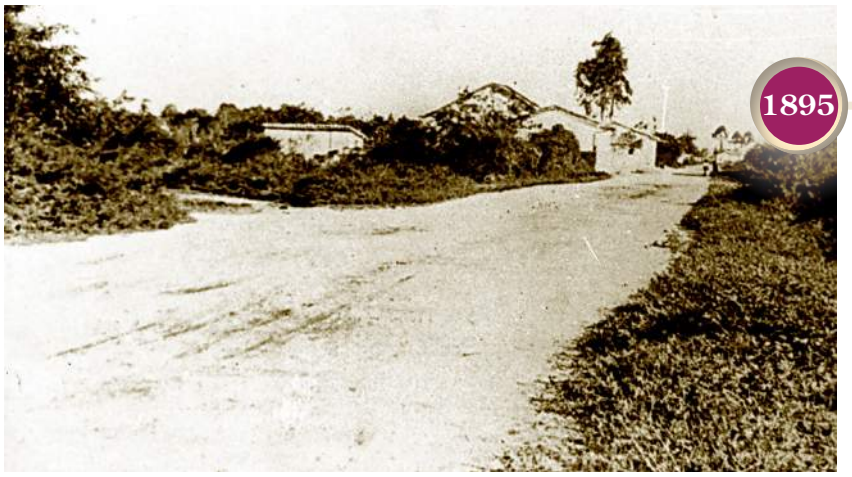
ESPECIAL DE ANIVERSÁRIO
Agosto
São Bernardo do Campo
Ano 2015

SÃO BERNARDO DO CAMPO
Uma cidade cada vez melhor de se viver

Publicação da Prefeitura de São Bernardo do Campo

www.saobernardo.sp.gov.br

De vilarejo a cidade de 800 mil habitantes em 462 anos de história



Rua Marechal Deodoro quando era passagem obrigatória para o Litoral

Reunião dos autonomistas na Chácara Silvestre pela emancipação

Vista parcial do Centro de São Bernardo, com a Igreja Matriz ao fundo

A construção de São Bernardo do Campo, que completa 462 anos em 20 de agosto, passa pelos imigrantes que chegaram no Brasil Colônia e pelos migrantes que se mudaram em busca de trabalho, a partir da década de 1950, quando a cidade viveu intenso período de industrialização. Se em 1890 o recém-criado município tinha 7.276 habitantes, hoje é praticamente uma metrópole de aproximadamente 800 mil moradores. Outro dado que ilustra o crescimento, desenvolvimento e expansão da cidade é a frota: em 1961 havia 4.708 veículos, entre carros, ônibus e caminhões. Hoje, são 561.047 unidades, incluindo motos e motonetas. Esta edição do NM bairros conta um pouco dessas e de outras histórias. No mês do seu aniversário, São Bernardo resgata parte de sua história com a criação da mascote simbolizada por uma batata. Personagem que tem tudo a ver com os moradores, que antigamente eram chamados de “batateiros”.

Batata, nova mascote de S.Bernardo

Verticalização ocorreu em diversas regiões da cidade

Resgate da história

Imigrante e migrante, na origem de uma cidade grande

“Era uma época gostosa. A gente não tinha dinheiro para nada, mas era feliz

Neide de Candido, 71 anos, nascida e criada no Centro

Alexandre Postigo

Da estrada de terra às grandes avenidas, da roça às modernas empresas, do grupo escolar às universidades, do posto de saúde a uma ampla rede pública, de vilarejo a município de cerca de 800 mil moradores.

Esta edição do NM bairros conta um pouco dessa história de 462 anos de São Bernardo do Campo. Ocupada por lavradores e criadores de gado, a região, rota de São Paulo para Santos, rapidamente atraiu comerciantes. Em 1791, o primeiro Censo aponta 1.182 moradores no ABC. Já Brasil imperial, a cidade recebe, entre 1877 e 1897, inúmeros imigrantes. Na maioria, italianos. No Censo de 1890 já eram, em todo o ABC, 7.276 habitantes, 16,75% estrangeiros.

Instalação do município de SBC, que compreendia todo território do atual ABC

Ao longo desta trajetória os moradores ficaram conhecidos como “batateiros”. A Prefeitura resgatou essa história e criou a mascote Batata.

Quando Neide de Candido nasceu, em 1944, em uma casa na Rua Santa Filomena, a vida em São Bernardo ainda era de cidade do interior. Ela logo se mudaria para a Rua São Bernardo, ao lado da Igreja Matriz. “Era muito diferente, a gente brincava na rua e eu estudava no Colégio São José”, lembra.

Em 1950, prestes a virar cidade industrial, São Bernardo contava com 29.295 habitantes.

São Bernardo do Campo é elevada à condição de freguesia

Crescimento populacional muda cenários

Da redação

Montanhão, exemplo de cenário alterado devido ao crescimento populacional

Vindo da Bahia para São Paulo, após nove anos no Exército, de 1965 a 1974, Manoel Barreto Cerqueira, casado, achou que era boa ideia tentar vaga em uma montadora. Escolheu a Volkswagen e, na seleção, ouviu: “Ô cabo velho, você vai trabalhar aqui comigo”. Era um ex-colega de quartel, que indicou seu nome à empresa. O trabalho como segurança começou no dia seguinte.

Mas era preciso morar próximo ao emprego. A oportunidade veio com a construção de um novo bairro, voltado principalmente a funcionários da Volks, o futuro Parque Selecta. “Mudamos em 1982. As ruas não tinham luz e as casas eram pequenininhas”, explica Manoel. Sua propriedade, na Rua 16 – ainda sem nome –, virou quase uma chácara: tinha galinha, ranário e pé de maracujá.

“No Montanhão, fim dos anos 1980, havia ainda mata bonita. A gente pescava numa lagoa próxima.” Vinte e cinco anos depois, esse cenário e muitos outros na cidade, como o Grande Alvarenga, Batistini e região do Taboão, foram alterados devido ao crescimento populacional. **(AP)**

“São Bernardo mudou, não parece cidade do interior. Mas continua linda!

Manoel Barreto Cerqueira, do Parque Selecta

Secretário de Comunicação
Fábio Cassettari
Secretária Adjunta de Comunicação
Gabriela Rocha

Diretora de Comunicação
Denise Gorczeski
Editores Executivos
José Maria Silva Moreira
Wilson Moço (MTB 17.681)

Editores
Alexandre de Arruda Postigo
Elenice Vieira
Émerson Bezerra

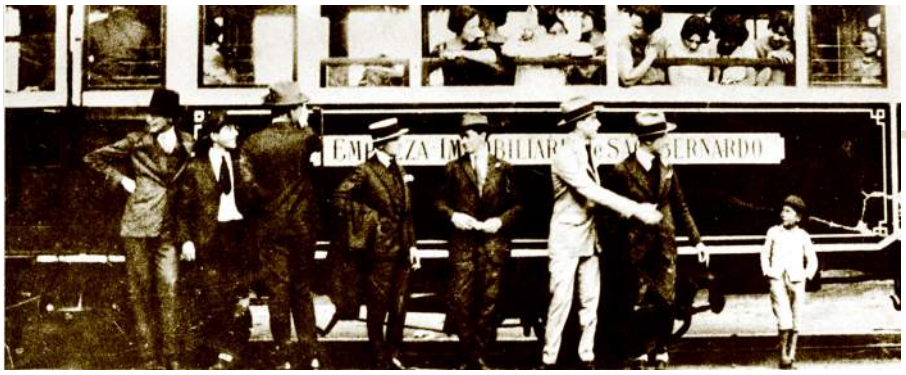
Fotos
Wilson Magão **(editor)**
Nilson Sandre
Raquel Toth
Valmir Franzoi

Fotos históricas
Acervo Seção de Pesquisa e Documentação
Arte e editoração
Thiago Stanzani

www.saobernardo.sp.gov.br
FACEBOOK: prefsbc
TWITTER: pref_sbc
INSTAGRAM: pref_sbc
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Estrutura e mobilidade

1924



Bonde parado em ponto do Nova Petrópolis: na época, transporte moderno

Ruas de terra, carroças e bondes no cenário de SBC

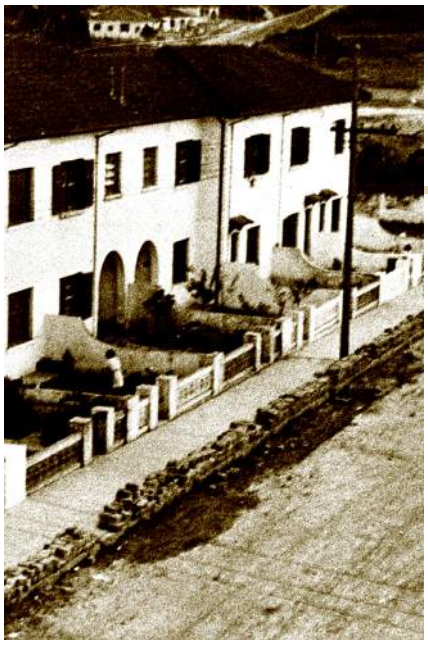
Aglaupe Grana

Quem passa pelo Centro de São Bernardo não imagina que, na origem, residências, estradas de terra, carroças e bondes formavam o cenário. A área urbana se desenvolveu por meio de estradas coloniais nos primórdios da ocupação do Brasil. Somente em 1933 foram demarcadas as primeiras ruas do povoado, a Principal (hoje Marechal Deodoro), a Rua da Constituição (atual Santa Filomena), duas ruas laterais à Igreja Matriz (ruas Rio Branco e Padre Lustosa) e a quinta rua (Dr. Flaquer).

A Marechal Deodoro era o centro político e social. Nela estavam a Prefeitura e a Câmara, e lá aconteciam também os encontros dos moradores, desfiles cívicos e idas ao cinema. Luiz João Marotti nasceu ali e nunca deixou a cidade. “Lembro que a garotada ia para a Marechal paquerar. Na época, a gente falava ‘futin’. As moças passavam com as amigas e a gente só de olho em uma oportunidade de puxar conversa.”

A partir de 1950, a população cresceu, fábricas surgiram e a Prefeitura foi obrigada a pavimentar e a abrir ruas para os quatro mil veículos da cidade. Em 1969, foram construídas as avenidas Francisco Prestes Maia e Brigadeiro Faria Lima para estruturar a cidade, que cresceu em direção à periferia. Em 1970, São Bernardo contabilizava 17.346 veículos. Hoje, a frota é de 561.047 unidades.

1952



Rua Dr. Flaquer ainda de terra

“A Pereira Barreto era de terra. A gente ia de jardineira para Santo André

Luiz João Marotti, da Vila Duzzi

2015

Corredores de ônibus e ciclovias são novas opções de mobilidade

Da redação

Um dos desafios das cidades é melhorar a mobilidade urbana – estrangulada por frota de veículos que aumenta ano a ano. São Bernardo, com cerca de 800 mil moradores e 561 mil veículos, está resolvendo esse desafio com grandes obras para reestruturar o sistema de transporte público e de trânsito. O Corredor Leste-Oeste, com 13 km de extensão, é apenas um dos 12 que serão construídos. Até junho de 2016, o objetivo é qualificar o transporte público, que contabiliza 250 mil usuários por dia em 65 linhas de ônibus.

De olho também na melhoria da qualidade do transporte, São Bernardo encampou a iniciativa de trazer o Metrô. Especulado desde os anos 1970, o acordo foi formalizado em 2014 pelo governo estadual, a partir de projeto elaborado pela Prefeitura.

Para Gabriela Zenaro, moradora do Rudge Ramos, o Metrô vai significar melhoria de vida. “O transporte toma grande parte do meu tempo, que trabalho em São Paulo. Com o Metrô, isso vai mudar.”

Dar aos moradores condições de usar meios de transporte alternativo também faz parte dos planos, como a instalação de ciclovias. Aliás, a cidade já dispõe de cerca de 6 quilômetros de ciclovias, nas avenidas João Firmino, Pery Ronchetti e Nelson Mandela. **(AG)**

Obra do Corredor Leste-Oeste na Avenida José Odorizzi

Ciclovia na Av. João Firmino

“Usaria muito uma ciclovia, pois poderia fazer muito do que faço usando a bicicleta

Gabriela Zenaro, do Rudge Ramos

De povoado a uma cidade inclusiva

‘As brincadeiras eram nadar no rio e subir em árvores’

Elenice Vieira

Dá para imaginar que na década de 1950 a diversão da garotada de São Bernardo era brincar no límpido Córrego dos Meninos, com peixes e muitas pedras ornamentais, que corria a céu aberto onde hoje é a Avenida Faria Lima?

Quem viveu nesta época tem muita história para contar de um tempo em que brincar nos rios e subir em árvores era o que tinha de melhor. Nascida no Bairro Assunção, a dramaturga Hilda Breda, 63 anos, conta com riqueza de detalhes fatos de sua infância e juventude vividas nesta São Bernardo que ficou para trás.

Ela brincou muito no córrego da Faria Lima, mas, antes de se mudar para perto dele, para a Vila, como era chamado o Centro da cidade, convivia com outros rios e nascentes que percorriam o Bairro Assunção, onde morou por nove anos. Hilda lembra que o pai ia na casa dos parentes, todos descendentes de italianos, de barco, em pleno Bairro Assunção.

A diversidade de verduras e frutas cultivadas em vários cantos da cidade também era muita. A família Breda tinha no quintal hortaliças e frutas como araçá, banana, uva e laranja. Criava galinhas, porcos e coelhos para consumo doméstico. Nesta época, o Assunção tinha não mais do que uma dezena de casas, todas de chão de barro e sem forro.

O Centro da cidade não era diferente. Nas ruas principais, a Marechal Deodoro e a Jurubatuba, o comércio era bem tímido, com poucas ruas no entorno, com algumas casas.

Córrego dos Meninos ganha ponte

“Até cobra se via pendurada no telhado da casa de chão batido e sem forração

Hilda Breda, do Centro

19,5% da população de São Bernardo viviam em situação precária, em barracos

1952 · 1967 · 1992

Município cresce para cima e para os lados a partir de 1950

“Não troco a vida de hoje pela da minha mocidade. Estou muito feliz agora

Eliana Marques, da Chácara Inglesa

Começa a verticalização da Rua Marechal Deodoro, na região central

Da redação

Com a chegada das montadoras, no fim da década de 1950, a cidade mudou de cara. As fábricas de móveis que sustentavam a economia começaram a perder espaço, porque a novidade eram as montadoras, e todo mundo queria trabalhar nelas porque o salário era melhor. A cidade, então, começou a se expandir.

Novas ruas foram criadas e o número de residências aumentou, pois muita gente veio de fora. Na década de 1960, a cidade ganhou o primeiro prédio (antigo Banco Noroeste, hoje Santander) na esquina das ruas Marechal Deodoro e Dr. Flaquer. Depois veio outro, residencial, na esquina da Dr. Flaquer com Faria Lima, e assim a cidade começava a crescer verticalmente. No início da década de 1970 surgiram as primeiras favelas.

A verticalização aumentou consideravelmente nas duas últimas décadas, em especial em bairros centrais como Nova Petrópolis, Baeta Neves, Santa Terezinha e áreas próximas ao Paço Municipal.

Para a aposentada Eliana Marques, 59 anos, todas as épocas têm seus encantos e desencantos. Ela lembra do tempo em que morava em casa térrea na região de Rudge Ramos, numa São Bernardo mais sossegada, mas é enfática em dizer que a vida hoje é bem melhor. “Temos todas as facilidades à mão.” **(EV)**

Início do programa para construção de moradia e regularização fundiária

Política de moradia devolve dignidade e dá lar a famílias

Marco Borba

A expansão populacional, a chegada de migrantes e o fechamento de postos de trabalho, no início dos anos 1990, resultaram na ocupação irregular e degradação – com moradias precárias e favelas – de áreas públicas, algumas em encostas e de preservação ambiental, como no Grande Alvarenga e Montanhão.

Para reverter a situação, a Prefeitura traçou amplo programa habitacional e, desde 2009, construiu e entregou 4.046 unidades habitacionais, distribuídas em dez áreas com obras de urbanização, como instalação de redes de água, esgoto e pavimentação. Outras 2.221 residências estão em construção.

As novas moradias acolheram famílias que passaram décadas vivendo em alojamentos precários ou amontoados de barracos à beira de córregos sem as mínimas condições de saneamento e que não raras vezes eram invadidos pelas enchentes ou desabavam com a chuva.

Janice Carmo da Cruz foi uma das centenas de vítimas dessa triste realidade. Após 46 anos vivendo em condições precárias em um barraco na Favela Naval, ela deixou para trás o passado de insegurança ao se cadastrar no programa habitacional de São Bernardo, até que foi contemplada com um apartamento, em 2011, no Jardim Nova Silvina. “Hoje tenho um endereço e um local digno para me abrigar da chuva e do frio.”

“Para quem não tinha nem CEP para receber cartas, hoje me sinto realizada

Janice Carmo da Cruz, do Jardim Nova Silvina

2008 2009 2015

Mais de 4 mil moradias foram entregues; outras 2.221 estão em construção

Regularização fundiária garante segurança jurídica de imóvel

Da redação

Instituído em 2009 pela atual Administração, o Programa de Regularização Fundiária resultou no fim de incertezas e noites mal dormidas para 3.662 famílias de baixa renda. A concretização do sonho da propriedade do imóvel se tornou realidade porque, cumpridas as etapas, a iniciativa garante a segurança jurídica a quem até então ocupava assentamentos irregulares. No total, 19 de 75 áreas foram regularizadas. Outros 20 mil lotes estão em processo de regularização. Cerca de 23 mil famílias serão beneficiadas ao fim do processo.

O comerciante Gesiel Marinho de Santana esperou 23 anos para ver seu lote regularizado, no Parque Botujuru. Ele afirma que morava de favor na casa da sogra e que em 1989 se juntou a entidades ligadas a moradia para reivindicar área pública no local onde mora atualmente. “Tudo começou em 1989, mas só em 1992, após muita negociação, a Prefeitura fez o parcelamento do solo e nos concedeu um termo de permissão de uso por 99 anos. Mas isso não nos dava garantias. A situação só foi resolvida neste governo, que iniciou a regularização no bairro em 2011 e, em 2013, começamos a pagar pelo lote”, explicou.

No total, 668 lotes foram regularizados no Botujuru, beneficiando 2.372 pessoas. **(MB)**

Com a regularização fundiária, 23 mil famílias da cidade serão beneficiadas

“A regularização fez valer a luta por moradia. Foi como ganhar medalha olímpica

Gesiel Marinho de Santana, do Parque Botujuru

Saúde para todos

Consulta, só se chegasse de madrugada

Hospital S.Bernardo, instalado no casarão da família Setti

Inauguração do 1º Posto de Puericultura na Rua Marechal

> As agentes comunitárias trazem as guias em casa. É melhor que plano de saúde

Rita dos Santos Jeronimo, do Jardim Beatriz

Illenia Negrin

Quando a aposentada Rita dos Santos Jeronimo, 76 anos, chegou a São Bernardo, em 1960, vinda do interior do Estado, nem Postos de Puericultura existiam. Ela foi morar com a família no Jardim Beatriz, distante do Centro, aonde o transporte público não chegava. "Se alguém de casa ficava doente, era preciso acordar no meio da madrugada, andar 20 minutos pelo barro para pegar o ônibus no Planalto ou na Avenida Piraporinha." O atendimento médico gratuito era feito pelo extinto Inamps em hospitais como o Príncipe Humberto.

Dona Rita lembra que chegava às 4h e entrava na fila de dobrar o quarteirão para pegar a senha que dava acesso à consulta. "Tinha gente que vendia café na fila. Às vezes estava chovendo e a gente entrava molhada no hospital. Cansava demais. A única coisa boa era que os médicos eram atenciosos."

Se antes os hospitais eram a única opção, hoje dona Rita diz que consegue cuidar da saúde perto de casa, na Unidade Básica de Saúde (UBS) Planalto. Faz os exames preventivos, como mamografia e Papanicolau, controla a hipertensão, participa das atividades promovidas pelo De Bem com a Vida e recentemente consultou-se com o dentista, que a encaminhou para o CEO Nova Petrópolis para confecção de prótese dentária. "Na UBS me tratam com carinho."

1949 1953 2009

Postos dão lugar a polos de promoção de saúde

> Evoluímos nos últimos anos. Hoje cuidamos bem melhor da nossa gente

Raquel Aparecida Riquena, funcionária da UBS Nazareth

Da redação

As 34 UBSs de São Bernardo têm cerca de meio milhão de pacientes cadastrados. Hoje, funcionam como polos de promoção de saúde, fomentando atividades físicas, controle de doenças crônicas e a prevenção com profissionais como psicólogos, assistentes sociais, dentistas e enfermeiros, além de médicos. As equipes da Estratégia Saúde da Família cuidam do recém-nascido ao idoso, e realizam, inclusive, visitas em domicílio.

Hoje as UBSs são referência para a comunidade, mas há quatro décadas, no tempo dos "postos de saúde", a realidade era bem diferente. A auxiliar de enfermagem Raquel Aparecida Riquena, 55 anos, fala com conhecimento de causa sobre as mudanças, para melhor, que ocorreram na rede. Ela trabalha na saúde há 29 anos, dos quais 25 no Jardim Nazareth. Antes existia um Posto de Puericultura, que funcionava das 7h às 13h e atendia apenas crianças. "Com mais de 12 anos só era atendido no hospital. Havia apenas um pediatra, que verificava as vacinas e o desenvolvimento. O posto também distribuía cestas básicas e leite para as famílias carentes", recorda.

Raquel conta que havia cerca de dez postos para a cidade. "Hoje, graças aos Agentes Comunitários, conhecemos as famílias e atuamos de maneira mais completa." **(IN)**

São Bernardo conta com 34 UBSs

As transformações da saúde pública em São Bernardo

Helder Marques

O Sistema Único de Saúde (SUS), instituído a partir da Constituição de 1988, trouxe profundas transformações na saúde pública do País e firmou o princípio de que "a saúde é direito de todos e dever do Estado". Muitos dos serviços e programas passaram a existir após a implantação do SUS, como a criação dos Agentes Comunitários e da Saúde da Família, o Samu e a distribuição de medicamentos, entre outros.

Vandina dos Santos Leopoldino, 77 anos, do Baeta Neves, recorda que, em 1947, quando veio para São Bernardo, "o atendimento na rede pública de saúde era muito difícil". Ela tem plano, mas diz que prefere ser atendida no SUS. "O atendimento melhorou bastante."

Dona Vandina conta que "muita gente ainda se surpreende com as madames que chegam com seus carrões" para pegar remédios na UBS. "É que o SUS atende pobres e ricos." Emocionada, ela relata que o marido faleceu há dez meses e não foi bem acolhido pelo plano de saúde. "Só quando meu marido foi para a UPA é que passou a ser tratado com dignidade. Depois foi internado no Hospital de Clínicas, e sou muito grata pela assistência que deram a ele."

Hoje, a rede municipal de Saúde conta também com nove Unidades de Pronto Atendimento (UPA).

Hospital de Clínicas Municipal José Alencar, no Bairro Alvarenga, foi inaugurado no dia 13 de dezembro de 2013

"A UBS do meu bairro foi reformada e hoje o atendimento é melhor"

Vandina dos Santos Leopoldino, do Baeta Neves

2013 — 2014

O avanço na saúde bucal foi excepcional, diz funcionária da rede

"Antes, as restaurações deixavam a desejar e era preciso arrancar os dentes"

Vivian Hitomi, funcionária da UBS Taboão

Da redação

A saúde bucal foi uma das especialidades que mais incorporou mudanças nos últimos anos, especialmente em São Bernardo, que desde 2009 vem expandindo significativamente os serviços odontológicos. A cirurgiã-dentista Vivian Hitomi trabalha há 25 anos na Prefeitura e acompanhou todas as mudanças ocorridas ao longo desse período no serviço de saúde bucal. Vivian atende na UBS Taboão e afirma que "o avanço foi excepcional".

Com o projeto de reforma e ampliação das UBSs, iniciado em 2009, foi possível ampliar o serviço odontológico, com a formação de equipes completas (dentista, auxiliar e técnico de saúde bucal) e a aquisição de novos equipamentos. "A produtividade dos dentistas e a qualidade do nosso trabalho melhoraram muito com a vinda dos técnicos e auxiliares de saúde bucal. Atendemos muito mais gente, com mais rapidez."

Vivian diz que, antes, o atendimento era praticamente restrito às crianças com até 12 anos, encaminhadas pelas escolas. "Os adultos eram atendidos nos casos de urgência, mas os recursos eram escassos." A partir de 2011 a cidade passou a contar com o serviço de próteses dentárias. Comparando com poucos anos atrás, Vivian garante: "Tudo melhorou, estamos no céu". **(HM)**

Com Brasil Sorridente, tratamento completo da cárie à entrega de prótese

Desenvolvimento humano

Do grupo escolar a uma ampla rede de Educação

Cosmo Silva

Os registros apontam que em 1910 apenas 829 das 2.200 crianças em idade escolar estudavam em unidades públicas de São Bernardo, que em 1914 criou o 1º Grupo Escolar. No rastro do crescimento populacional e da expansão da cidade, a Prefeitura também ampliou o serviço para dar conta da demanda. Passados 105 anos, a rede municipal conta com 184 unidades educacionais e atende a 85 mil alunos, entre estudantes em idade de creche, pré-escola, Fundamental, Profissionalizante e Educação de Jovens e Adultos (EJA).

A transformação da rede foi acompanhada por inúmeros educadores, caso da professora Maria Regina Barbato. Se passaram mais de 50 anos, e a memória, com lucidez de detalhes, flui naturalmente. Ela lembra que iniciou na profissão lecionando para o antigo Jardim da Infância (hoje pré-escola), em 1963, que funcionava no Parque São Pedro, no Rudge Ramos. Na época, pouco mais de 13 mil alunos, entre ensino primário e secundário, frequentavam a escola no município.

"Acompanhei a transformação na educação, como professora e diretora. Lecionei no chamado Jardim da Infância, Primário e Magistério. Quando me aposentei, em 1988, o ensino no município era totalmente diferente, pois as escolas passaram a ter coordenadores pedagógicos e planejamento, entre outras mudanças."

"Meu pai Theodoro foi meu exemplo para que me tornasse professora

Maria Regina Barbato, professora aposentada da rede, do Centro

Casarão do Alferes Bonilha, edifício onde funcionou o Grupo Escolar

Apenas 3,44% dos moradores sabiam ler e escrever no município

1890 — 1935

Em 1950, 9 universitários. Em 2015, 80 mil

Da redação

São Bernardo contava com apenas nove estudantes em nível superior na década de 1950. Hoje a situação é completamente diferente. Com 24 estabelecimentos, entre universidades, faculdades, centros universitários e tecnológicos, o município é considerado polo provedor de conhecimento e produção científica. Juntas, todas as unidades ofertam mais de 80 mil vagas, praticamente em todas as áreas.

Com 3.435 alunos no campus São Bernardo, entre graduação e pós-graduação, a Universidade Federal do ABC (UFABC) é a única gratuita na região e com vagas destinadas a alunos da rede pública. A instituição oferece cursos nas áreas de Ciências, Tecnologias e Humanidades. Instalada durante o governo Lula, primeiro em Santo André e depois em São Bernardo, a UFABC abriu caminho para que moradores da cidade tivessem a chance de fazer o curso superior.

É o caso de Wauber Bezerra de Magalhães, 26 anos, da Vila São Pedro, que cursa Engenharia Aeroespacial na UFABC, que em suas palavras deu oportunidade para que jovens de origem humilde ingressassem na universidade. "Vim de escola pública e da periferia. A política diferenciada da UFABC, com projeto pedagógico inclusivo, foi importante não só para mim, mas para muitos outros que estudam nela", constata Magalhães. **(CS)**

Campus São Bernardo da UFABC

"Tornei realidade o sonho de me formar em Engenharia Aeroespacial

Wauber Bezerra de Magalhães, da Vila São Pedro

Mudança para uma escola inclusiva, de filhos a pais

Vladimir Ribeiro

Transformar a Educação em ferramenta de inclusão para uma população que saltou de 81.255 habitantes, em 1960, para cerca de 800 mil moradores tem sido um dos maiores desafios para a Prefeitura de São Bernardo. Os resultados obtidos nos últimos anos, com base na ampliação da rede e investimentos para melhoria da infraestrutura e da qualidade do ensino, mostram que a cidade está no caminho certo.

Segundo dados de 2010, a taxa de analfabetismo no município caiu para 3,04% entre pessoas acima de 15 anos. Outro índice que se deve à transformação da rede foi a nota 6 em 2014 obtida no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), meta estabelecida para ser atingida em nível nacional até 2022.

“Além da escola inclusiva, hoje os profissionais de ensino podem se atualizar

Eleni Demarchi Martins, da Emeb Profª Ivaneide Nogueira

Classes modernas e investimento na qualificação de funcionários da rede

Além de priorizar a educação básica (creche e Ensino Fundamental), a Administração se empenha em qualificar profissionais, inclusive com cursos destinados a mulheres em funções predominantemente masculinas, como elétrica industrial, alvenaria e pintura com texturização.

Funcionária da rede desde 1982, quando começou a lecionar, Eleni Demarchi Martins acompanha as mudanças na Educação. A hoje diretora da Emeb Professora Ivaneide Nogueira, no Bairro Santa Cruz, destaca que o sistema de ensino mudou muito desde então. “Hoje, a escola é inclusiva dos alunos até os pais.”

2014 — S.Bernardo atinge nota 6 no Ideb, 8 anos antes do prazo definido pelo governo federal — 2015

Merenda de qualidade para desenvolvimento saudável do aluno

Merenda escolar sem agrotóxico

Cosmo Silva

Em São Bernardo do Campo, a merenda é composta na maioria por alimentos adquiridos da agricultura familiar, sem agrotóxicos e com redução de açúcar. “Nós selecionamos os produtos quando chegam. Nossa merenda é saudável e de qualidade”, destaca a merendeira e mãe de dois alunos do Centro Educacional Unificado (CEU) Celso Daniel, Maria Edna do Nascimento Fonseca.

O cardápio da merenda escolar é planejado diariamente por nutricionistas de acordo com a faixa etária e o período de permanência nas escolas dos cerca de 85 mil alunos da rede municipal de educação. A variedade inclui arroz orgânico, feijão, carne bovina, frango, salsicha de peru, carne suína, “feijoadinha”, legumes, frutas de época, suco de fruta, barra de cereais, requeijão, iogurte e pães, bolos e biscoitos integrais.

São produzidas diariamente mais de 130 mil refeições. Por ano, são cerca de 26 milhões, incluindo as de crianças em idade de creche e de estudantes da EJA.

A Prefeitura desenvolve, desde 2009, programa de combate à obesidade infantil entre os alunos da rede. As refeições contam com quantidades maiores de alimentos integrais, legumes, verduras, saladas, suco natural e frutas. Isso possibilitou redução de 60% no teor do açúcar e na quantidade de sódio na merenda.

“É gratificante ver o sorriso no rosto das crianças depois da merenda

Maria Edna do Nascimento Fonseca, merendeira do CEU Celso Daniel

As vocações do município

“Buscamos a modernização sem esquecer a tradição do setor no município

Amanda De Marchi, moradora do Centro

O município de São Bernardo contava com 300 empresas moveleiras

1905

Do carvão a Capital do Móvel

Niceia de Freitas

Ele iniciou a carreira profissional aos 14 anos, em 1944, na antiga fábrica de Móveis São Luiz, na qual ficou até os 18 anos. Em 1952, fundou a Indústria de Móveis Gastaldo e se manteve como sócio por mais de 30 anos. Hoje, aos 85 anos, Attilio De Marchi continua à frente da empresa, no Bairro Batistini, e mostra que sua vida é indissociável da história de São Bernardo, cuja indústria moveleira nasceu em 1905.

Antes, uma das principais atividades da então colônia, em 1877, era a extração de madeira e a produção de carvão vegetal. Em 1901, a cidade registrava 496 estabelecimentos e empregava 1.215 pessoas, sendo 850 estrangeiros. Mas, para seu Attilio, “é um orgulho” ter participado do desenvolvimento da cidade, principalmente da indústria moveleira, que foi e é sua paixão. “É importante preservarmos a história e as tradições. Entre 1980 e 1990, no Brasil só se falava em São Bernardo.” Agora, o empresário espera que o negócio tenha continuidade, assim como planeja fazer a sucessão com a neta Amanda, que agora toca a fábrica.

Em 1905 começam a surgir as primeiras fábricas de móveis na cidade

Mesmo antes de ser conhecida como “Capital do Automóvel”, nos anos 1950, com a chegada de montadoras, São Bernardo era referência como “Capital do Móvel”. O empresário conta que saíam daqui inúmeros caminhões carregados com móveis para a Capital, Interior e outros Estados. No sentido inverso, chegavam toneladas de toras de madeira.

1999

Jurubatuba: shopping moveleiro a céu aberto

Jurubatuba: referência em móveis

“A Jurubatuba mantém viva a tradição e atrai visitantes de vários lugares

Mario Strufaldi, lojista e fabricante

2015

Da redação

Reduto importante de lojas de móveis, a Rua Jurubatuba, no Centro de São Bernardo, voltou ao cenário em 2011, com o lançamento da Feira de Móveis.

O evento promovido com o apoio da Prefeitura trouxe visibilidade, ânimo e resgate da tradição. Realizada em seis edições, as 80 lojas participantes do evento representam cerca de 60 mil m² de área de exposição de móveis e de decoração. “Durante a feira aparecem clientes de todos os cantos, de São Paulo, Litoral e Interior, como antes, além do público da nossa região”, disse Mario Strufaldi, lojista e fabricante de São Bernardo. Para o empresário, a tradição permanece, e ele acredita ser importante fortalecer o segmento.

Apesar de terem se formado vários polos moveleiros, São Bernardo ainda tem a Jurubatuba como referência e se tornou verdadeiro shopping a céu aberto. “Aqui há ampla área de exposição, com uma dimensão e qualidade de produtos dificilmente encontrados em outro lugar”, disse.

Além dos imigrantes italianos, o segmento moveleiro concentra comerciantes da comunidade muçulmana. “Antes, vivíamos do saudosismo, estávamos adormecidos e agora voltamos à notoriedade”, disse Fauze Orra, lojista e fabricante. Segundo ele, a visibilidade da feira agregou novo público: “São clientes mais jovens, acompanhados daquele consumidor tradicional.” **(NF)**

Industrialização que surge no rastro da Via Anchieta

Vladimir Ribeiro

São Bernardo, que já era a "Capital do Móvel", ganhou também o título de "Capital do Automóvel" em função da instalação de empresas ligadas à cadeia automotiva, que começaram a chegar à cidade na década de 1950, primeiro com as montadoras e, na sequência, com as autopeças.

Foi a partir da inauguração da primeira pista da Via Anchieta, em 1947, que começou a industrialização, sobretudo pela proximidade com o principal mercado consumidor do País, a Grande São Paulo, e a facilidade de acesso ao Porto de Santos, importante canal para a exportação de veículos produzidos no País.

A oferta abundante de empregos trouxe milhares de migrantes de todo o Brasil. "Era um trabalho muito mais braçal e pesado do que hoje", comparou o andreense José Diogo, que trabalhou durante 32 anos na Mercedez, agora mora na Vila Vivaldi e vive mais tranquilo. "Hoje posso pescar e passar as horas com a família."

Na mesma década de 1950, o município recebeu o título de "Hollywood Brasileira", por conta da construção da Cia. Cinematográfica Vera Cruz, inaugurada em 1949 e que cinco anos depois encerrou suas atividades.

Seis décadas depois, os estúdios instalados na Avenida Lucas Nogueira Garcez começam a ser revitalizados com investimento de R$ 156 milhões da iniciativa privada.

Começa a obra da Via Anchieta

1939

"Devo o que tenho à fábrica. Sinto falta dos amigos, mas a vida está melhor"

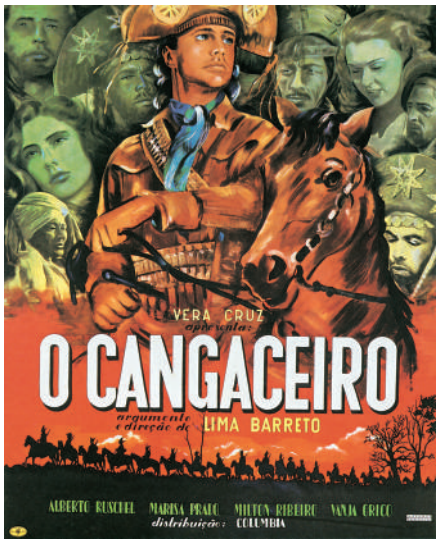
José Diogo, da Vila Vivaldi

1952

1ª montadora: Willys Overland

"Os operários pensam que não, mas é possível sobreviver fora da fábrica"

José Vieira dos Santos, do Jardim Palermo



O Cangaceiro marcou a produção da Cia. Vera Cruz, que será revitalizada

2015

Economia é diversificada com setores de comércio e serviço

Da redação

Durante a década de 1990, com o fim das políticas de proteção ao mercado brasileiro e a redução das taxas de importações, o setor industrial eliminou cerca de 150 mil postos de trabalho na região do ABC, tanto em função da reestruturação de produção quanto pelo fechamento de empresas. O setor automobilístico, a base da economia de São Bernardo do Campo, foi um dos mais afetados.

Para muitos desempregados, uma das alternativas foi abrir o próprio negócio no comércio ou prestação de serviços. Com isso, São Bernardo experimentou a partir de então expressivo aumento e diversificação nesses setores.

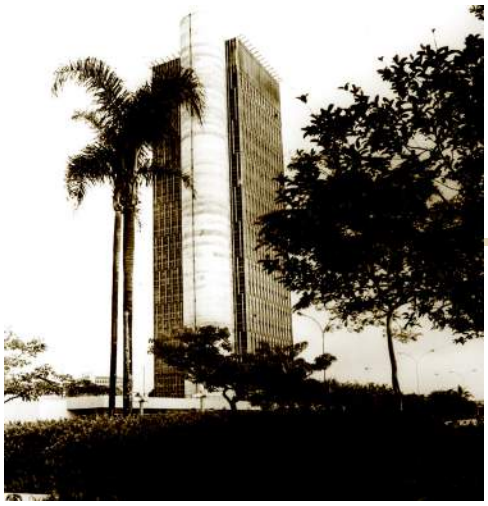
Esse foi o caminho encontrado por José Vieira dos Santos, funcionário da Volkswagen entre 1976 e 2000 e proprietário, há 15 anos, de oficina de funilaria e pintura no Jardim Palermo. "Comprei o ponto alguns meses depois que fui demitido. A mudança de realidade da empresa para o comércio e serviço é muito forte, mas é possível se adaptar", avalia.

Atualmente, iniciativas de fomento ao empreendedorismo têm sido intensificadas pela Prefeitura. Entre as sete cidades do ABC, São Bernardo é a que tem mais registros de Micro Empreendedores Individuais (MEIs): na região, foram 34.046 até abril deste ano, 10.283 dos quais no município. Além disso, ações do Arranjo Produtivo Local (APL) garantiram o fortalecimento de diversos segmentos, como de bares e restaurantes, moveleiro e industriais. **(VR)**

Quando a vida era simples

Represa Billings aposenta o uso de poços

Represa leva o nome do engenheiro americano Asa White Kenney Billings



Início das atividades no Paço Municipal

“A água do poço era aquecida no fogão à lenha e a mãe esfregava as costas

Armando Sérgio Marotti, do Centro

Marcelo Dorador

Em 1925, a Represa Billings foi criada para gerar energia elétrica. O responsável pela obra foi o engenheiro americano Asa White Kenney Billings.

Maior represa artificial da América Latina, a Billings mudou o cenário na região do Riacho Grande e, ao longo dos anos, se transformou em concorrida opção de lazer, tanto para o banho quanto para a prática de esportes náuticos, e também de geração de renda, por meio da pesca. Com o aumento populacional da região, se tornou importante ferramenta no sistema de abastecimento de água. Mas nem sempre foi assim.

Armando Sérgio Marotti, alfaiate aposentado e artista plástico que nasceu em 1933 e passou a infância na Rua Marechal Deodoro, é do tempo em que água era tirada do poço e chuveiro era um artigo de luxo que apenas alguns comerciantes tinham.

Por volta de 1950, Marotti construiu uma casa na Vila Duzzi. “A situação já era outra, pois no bairro tínhamos água encanada.”

Os anos passaram, a cidade cresceu e problemas apareceram, entre eles, a violência. Apesar de segurança ser uma responsabilidade do Estado, a Prefeitura em 2014 inaugurou o Centro Integrado de Monitoramento (CIM), que tem 400 câmeras instaladas em pontos estratégicos da cidade. Além disso, a cidade conta com efetivo de cerca de mil GCMs.

1920 · 1969 · 2015

Obras que vão deixar enchentes no passado

Da redação

A escritora Divanir Bellinghausen Coppini, a Didi, nasceu em São Paulo em 1939, mas, como diz, foi gerada em São Bernardo do Campo. Divanir conta que as chuvas nunca foram um problema durante sua infância e adolescência. Isso antes de o desenvolvimento acelerado levar à impermeabilização cada vez maior do solo.

Divanir morou em uma casa entre as esquinas das ruas Dr. Flaquer com Tomé de Souza. Recorda que havia muito verde, e as ruas não eram asfaltadas. “A água da chuva era absorvida rapidamente pelo solo.”

Nos anos 1960, o prefeito Hyginio Batista de Lima decidiu construir, na Praça Samuel Sabatini, a atual sede da Prefeitura. “A construção talvez tenha sido uma das maiores responsáveis pelas enchentes no Centro da cidade”, afirma Didi.

Não se sabe se foi isso ou não, mas o certo é que a região central – assim como outras – sofreu durante décadas com enchentes, o que levou a atual Administração a fazer o maior programa de combate às cheias de sua história, o Drenar, que investe mais de R$ 600 milhões em obras em várias regiões do município. Para acabar com o problema no Centro, a Prefeitura constrói em área do Paço piscinão com capacidade para reter 200 milhões de litros de água da chuva, além de galerias na Rua Jurubatuba e Avenida Aldino Pinotti. **(MD)**

Piscinão do Paço Municipal vai acabar com enchentes na região central

“Crescimento sem planejamento fez com que a cidade sentisse as chuvas

Divanir Bellinghausen Coppini, escritora